

## Dossiê 50 anos de história do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

### Fernanda Borges Henrique

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: [f.borghesh@gmail.com](mailto:f.borghesh@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3467-966X>

### Karine Assumpção

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: [karine.assumpcao@gmail.com](mailto:karine.assumpcao@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-0907-1932>

### Janaina Tatim

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: [tatimjanaina@gmail.com](mailto:tatimjanaina@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7782-9878>

### Veronica Monachini de Carvalho

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: [veronicamonachini@gmail.com](mailto:veronicamonachini@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5583-5505>

### João Roberto Bort Jr.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: [jrbort@gmail.com](mailto:jrbort@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-2176-052X>



Com grande alegria, a Revista Maloca oferece a publicação de um dossiê em comemoração à história do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp), que em 2021 completou 50 anos de existência<sup>1</sup>. O programa foi fundado em 1971, um ano após o início da Graduação em Ciências Sociais, com apenas três professores no quadro: Antonio Augusto Arantes, vindo da Universidade de São Paulo, Peter Fry, então professor no University College of London, e Verena Stolcke, que, à época, acabara de defender sua tese em Cuba.

Para celebrar a história do PPGAS, tomamos a iniciativa de destacar nela a fundação do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI), ao qual se vincula nossa Revista. Esse destaque foi dado com as cores das memórias de alguns dos docentes que fizeram parte daquele momento singular da Instituição: Regina Polo Müller, Robin Michel Wright, Vanessa Rosemary Lea e Wilmar da Rocha D'Angelis, a quem agradecemos por suas generosas contribuições, que podem ser lidas em detalhe na coletânea de relatos, reunidos sob o título “Memórias da fundação do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI)”, neste dossiê.

Os relatos permitem notar, à época, a disseminação da Antropologia, em especial da Etnologia Indígena, em outras áreas do conhecimento e seus departamentos na Universidade, como no Instituto de Artes e no Instituto de Estudos da Linguagem, que resultou na fundação do CPEI. Isso nos mostra, por um lado, a virtude interdisciplinar do conhecimento antropológico e, de outro, o interesse específico em reunir pesquisadores e suas iniciativas de pesquisa acerca das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul, dando corpo a esse campo de estudos dentro do PPGAS. Convidamos os leitores a sentir, também, por meio dessas memórias, a inspiradora vontade que circulava na década de 1990 entre seus fundadores de estabelecer na UNICAMP um centro de recepção, difusão e participação no diálogo com a crescente produção de conhecimento etnológico, do indigenismo e da articulação das lutas dos povos indígenas no Brasil.

Nesse oportuno momento de celebração, a Maloca não poderia deixar de homenagear um dos fundadores do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI) e um dos mais notáveis pesquisadores do PPGAS/Unicamp: John Manuel Monteiro (1956-2013). Autor incontornável para os estudiosos da história indígena, John Monteiro

1. Para conferir a história completa do início do Programa, ver <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/antropologia/historia>

escreveu o texto “Raízes históricas das organizações indígenas no Brasil: estratégias políticas e culturais das novas lideranças nativas”, que ora publicamos no conjunto do dossiê, no intuito de debater as limitações e as possibilidades das ações políticas dos indígenas, bem como para identificar os usos da história pelo movimento indígena. Embora seja um texto bastante conhecido dos pesquisadores com quem John Monteiro mantinha diálogo, ele nunca fora de fato publicado. O texto apenas foi apresentado em alguns eventos nacionais e internacionais, dentre esses, o workshop “Novas Faces da Cidadania” no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), cuja discussão encontra-se transcrita numa edição de 1996 da revista *Cadernos de Pesquisa*. Assim, o artigo é uma publicação inédita, oportunidade ímpar para os historiadores e antropólogos que ainda desconhecem a interpretação do autor a respeito da visibilidade que os povos indígenas lograram nos anos de 1980 e 1990, fazendo a perspectiva assimilacionista perder espaço para o reconhecimento do direito à diferença.

A contribuição de Amanda Gonçalves Serafim, atual discente do Programa, intitulada “O fundo Roberto Cardoso de Oliveira e as várias histórias da antropologia no Brasil” trouxe para esse dossiê a apresentação das potencialidades do acervo documental do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, doado ainda em vida, na década de 1980, à Universidade Estadual de Campinas, quando passou a atuar nessa universidade. O acervo se encontra no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), criado em 1974, o qual abriga documentos relacionados à história política, cultural e social do Brasil e da América Latina; documentos relacionados às diversas pesquisas realizadas no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o IFCH, bem como de história intelectual, como é o caso da documentação doada por Roberto Cardoso de Oliveira. A contribuição de Roberto Cardoso de Oliveira à Antropologia é indiscutível, reconhecida através de prêmios e homenagens. Através do acervo documental Roberto Cardoso de Oliveira, a contribuição de Amanda Serafim nos leva à história da Antropologia brasileira, bem como aos 50 anos de história do PPGAS/Unicamp.

Nos últimos 5 anos, com a efetivação de ações afirmativas, o PPGAS entrou em uma nova fase, em que o Programa passa a estruturar o ingresso e permanência de pessoas negras, indígenas e trans, criando regimentos e espaços direcionados para o tratamento da questão. Como as também discentes do PPGAS Chryslen Mayra Barbosa Gon-

çalves e Mayra Luz Alvarado Davila sublinham em sua contribuição intitulada “Cotas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS): vozes indígenas e negras”, essa mudança é resultado de muita luta, que na Unicamp foi protagonizada pela Frente Pró-Cotas.

A partir dos relatos e documento coletados pelas autoras, faz-se visível (i) a importância de cotas “não apenas nos programas de pós-graduação, mas em toda a universidade” e (ii) os problemas que transbordam o processo seletivo e adentram as relações cotidianas e a permanência estudantil. Com uma coisa levando à outra, as ações afirmativas hoje estão ampliadas para toda a universidade, mas seus poucos anos de existência denunciam que o caminho a ser trilhado é longo, cheio de obstáculos discriminatórios. Como estudantes do PPGAS, endossamos as vozes negras e indígenas compiladas nesse dossiê e desejamos que o Programa siga sendo pioneiro em levar cada vez mais a sério a democratização da universidade, aprimorando mais e mais suas estratégias para a inserção e permanência de negros, indígenas, trans, pessoas com deficiência etc, rumo a uma “pluriversidade”.

Agradecemos a todos e todas que colaboraram com esse dossiê e que venham mais 50 anos!